

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editora

© 2020

Todos os direitos relativos à chancela Marcador encontram-se reservados para a Editorial Presença, S. A.
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © 2008 by Anne Bushyhead
Edição portuguesa publicada por acordo com Books Crossing Borders e Ute Körner Literary Agent.
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *To Seduce a Bride*
Autora: Nicole Jordan
Tradução: Luís Silva dos Santos
Revisão: Carlos Jesus/Editorial Presença
Paginação: Fotocompográfica, Lda.
Capa: Vera Braga/Marcador
Imagens da capa: Shutterstock
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 472 769/20

1.ª edição, Lisboa, outubro, 2020

Às minhas maravilhosas amigas cavaleiras:
Karen, Wyatt e Kari.
Obrigada por todos os bons momentos
e por cuidarem tão bem
dos meus «meninos»!

CAPÍTULO 1

«Os esforços casamenteiros de Lady Freemantle são tão irritantes que tiram a paciência a um santo, e bem sabes que não sou uma santa.»

Menina Lily Loring para Fanny Irwin

Danvers Hall, Chiswick, Inglaterra, junho de 1817

— Não compreendo por que motivo ele me perturba tanto — murmurou Lillian Loring para a gata cinzenta. — Nenhum homem me tinha afetado deste modo.

A única resposta que Lily recebeu foi um suave ronronar.

— Também não é só por ele ser bonito. Por norma, não me sinto atraída por nobres bonitos. — Quando muito, sentia-se bastante receosa deles. — E não me importa nem o seu título nem a sua fortuna.

Com um suspiro, Lily estendeu-se confusa sobre a palha enquanto acariciava o pelo da gata. Era-lhe difícil explicar o deplorável efeito que Heath Griffin, marquês de Claybourne, causava nela. Especialmente, dado que acabava de vê-lo pela primeira vez naquela manhã no casamento da irmã.

— O problema é que ele é demasiado... encantador.

E viril. E enérgico. E poderoso.

Quaisquer que fossem os seus atributos, faziam-na sentir-se absurdamente ofegante e agitada.

— Ao diabo com ele...

Lily mordeu o lábio e guardou silêncio ao perceber como as suas palavras soavam arrastadas. Era sem dúvida o resultado de ter bebido três copos de champanhe, o que era pelo menos dois copos a mais, tendo em conta que todas as bebidas alcoólicas lhe subiam diretamente à cabeça. No entanto, os acontecimentos da noite tinham sido tão consternadores que a haviam levado a beber.

Não estava *completamente* ébria de momento, no entanto, fora com certeza um erro tentar subir para o palheiro do estábulo num vestido de baile — uma peça linda de seda rosa-pálida — e sapatos de baile. Subir pela escada com uma

saía tão estreita enquanto levava um guardanapo cheio de guloseimas fora um desafio para a sua habitual desenvoltura física. Mas quisera levar o jantar a *Boots* antes de deixar a festa.

Boots, a gata do estábulo de Danvers Hall, tinha parido recentemente uma ninhada. Naquele momento, a família de felinos estava feliz e satisfeita enroscada na caixa que Lily tinha disposto no palheiro para proteger dos cães a mãe gata e os seus novos rebentos. A jovem deixara a sua lanterna pendurada num gancho mais abaixo para não assustar as crias, e a suave luz dourada contribuía para a calma do palheiro, tal como a temperatura amena da noite, pois já era quase verão.

Os três gatinhos pareciam pequenas bolas de pelo, com os olhos mal abertos, mas começavam a mostrar as suas próprias personalidades, muito como as três irmãs Loring, pensou Lily. A visão dos três gatinhos a pestanejar sonolentos para ela despertou sentimentos de ternura no seu peito, já que tinha um fraco por seres indefesos e menos afortunados.

No entanto, se quisesse ser sincera consigo mesma, admitiria que tinha procurado refúgio no palheiro do estábulo tanto para escapar a Lorde Claybourne quanto para alimentar a gata e permitir-se ter um pouco de pena de si mesma.

Enquanto *Boots* mordiscava com delicadeza um peito de faisão assado, Lily estendeu os braços com cuidado para a caixa e agarrou num dos adoráveis gatinhos.

— Sabes que és muito fofinho? — murmurou, encostando o nariz ao pelo macio cor de ébano. O gatinho preto era o mais rebelde, como a própria Lily, e bateu-lhe com a pata no nariz, brincalhão.

Lily soltou uma gargalhada baixa, que foi um bálsamo para o nó na garganta provocado pelas lembranças que tentava ignorar.

Naquela manhã, numa festa encantadora na igreja da aldeia, a sua irmã mais velha, Arabella, casara com Marcus Pierce, o novo conde de Danvers. Seguiu-se um enorme banquete e um baile em Danvers Hall, com a presença de quase seiscientos convidados. Os festejos tinham decorrido de forma esplêndida, devido, em grande parte, aos incansáveis esforços e à competência enquanto anfitriã da sua irmã do meio, Roslyn.

O baile continuaria pelo menos durante mais uma ou duas horas, até à meia-noite, mas Lily e Roslyn tinham-se despedido de Arabella em privado pouco antes, as três a derramar lágrimas de felicidade e tristeza.

Custava-lhe muito a ideia de perder a irmã Arabella, mas a noite tornara-se ainda mais difícil devido aos esforços casamenteiros da sua amável benfeitora, Winifred, Lady Freemantle. Vários anos antes, quando as irmãs Loring tinham ficado na penúria e a precisar desesperadamente de arranjar um sustento, Winifred

proporcionara a verba para abrirem a Academia Freemantle para Jovens Senhoras destinada a ensinar as filhas da rica classe mercantil a comportarem-se em sociedade. Durante todo o baile, Winifred pusera Lily no caminho de um dos melhores amigos de Marcus, o marquês de Claybourne.

Finalmente, para seu grande desgosto e consternação, Winifred encurralou-a e quase *forçou* Sua Senhoria a dançar com ela.

— Vai ficar encantado por ter um par de dança tão atraente como Miss Lillian, milorde — disse a senhora de meia-idade ao jovem.

— Encantado e honrado — respondeu Claybourne, esboçando um sorriso lento na direção de Lily.

Ela sentiu-se corar e, enquanto a sua traíçoera amiga se afastava radiante, voltou-se para Claybourne vexada e sem saber o que dizer.

O marquês era alto e imponente, com um ar de virilidade que chamava a atenção. Tinha cabelo castanho, olhos cor de avelã com laivos dourados e um rosto tão masculino que fazia palpitar numerosos corações femininos.

Lily descobriu que não era diferente. Consciente da aceleração do seu pulso e da exaltação dos seus sentidos, permaneceu imóvel, sentindo-se desajeitada e furiosa com as maquinações de Winifred. Era mortificante ver-se exibida diante do abastado marquês como uma vitela numa feira.

Aceitou em silêncio a mão de Lorde Claybourne e permitiu que este a conduzisse à pista de dança. Quando a orquestra tocou os primeiros acordes de uma valsa, deixou-se envolver com relutância pelos seus braços. *Não* gostava de estar tão perto dele, do seu calor e da sua vitalidade. Tão-pouco de ter tanta consciência do seu corpo, da sua graciosidade natural, da sua sensualidade enquanto a conduzia ao ritmo da música. Nunca tinha observado tais coisas num homem. Normalmente, só reparava no potencial de um homem para a brutalidade, no tamanho dos seus punhos...

— Desagrada-lhe dançar em geral, menina Loring? — perguntou por fim Lorde Claybourne para romper o silêncio que reinava entre os dois. — Ou só lhe desagrada dançar comigo em particular?

Ela ficou surpreendida com a sua perspicácia.

— Porque acredita que me desagrada, milorde?

— Talvez pelo seu cenho carregado.

Sentindo um novo rubor tingir-lhe as faces, Lily forçou um sorriso cortês.

— Peço-lhe que me perdoe. Dançar não é o meu passatempo preferido.

Aqueles belos olhos cintilaram sob as espessas sobrancelhas.

— Pois fá-lo muito bem. Confesso que me surpreende.

A jovem arqueou uma sobrancelha.

— Porque haveria de surpreendê-lo?

— Porque o Marcus diz que a menina é pouco feminina e irascível. Constatou-me que prefere desfrutar de uma boa cavalgada pelo campo a ver-se apanhada num salão de baile.

Aquela observação sincera arrancou uma gargalhada relutante a Lily.

— Sem dúvida que prefiro cavalgar a dançar, milorde, embora «irascível» seja um termo algo duro. O Marcus acredita que o sou porque discuti muitas vezes com ele a respeito da Arabella quando ele a cortejava, mas em geral sou bastante calma. No entanto, admito ser pouco feminina... salvo quando dou aulas na nossa academia e devo dar bom exemplo. Ou em ocasiões como esta, em que me vejo obrigada a suportar os refinamentos sociais por consideração às minhas irmãs. Para dizer a verdade, tenho um certo prazer em desafiar os ditames da alta sociedade.

— Admiro uma rebelde — respondeu ele num tom divertido. — A menina é muito diferente das suas irmãs, não é?

A observação valeu-lhe um olhar penetrante de Lily. Observou Claybourne com ar desconfiado, incapaz de perceber se ele considerava ou não essa diferença positiva.

Não que se importasse que a opinião dele lhe fosse desfavorável. Nem a incomodava sair sempre a perder em comparação com as irmãs. Tanto Arabella como Roslyn eram duas beldades loiras, com pele clara e delicada, altas e elegantes.

Lily não podia competir com a estatura nem com o porte aristocrático delas... e tinha cabelo e olhos escuros e uma compleição rosada que a faziam parecer uma raridade na sua família loira de olhos azuis. Além disso, as irmãs eram a personificação da graciosidade e da feminilidade, ao passo que o seu próprio temperamento vivo e obstinado e a sua aversão a submeter-se às normas absurdamente retrógradas da elite a metiam muitas vezes em apuros.

Mas Lily não tinha intenção de se desculpar a Sua Senhoria pelas suas tendências subversivas. A seu ver, quanto menos falasse com Lorde Claybourne, melhor.

Ele, porém, não parecia inclinado a perceber a indireta e a manter-se em silêncio.

— Gostou da cerimónia de casamento desta manhã, menina Loring?

Aquele tema também era sensível para Lily, embora tenha conseguido ocultar o seu esgar.

— A Arabella foi uma noiva muito bonita — respondeu com prudência.

— Mas não aprova que a sua irmã se tenha casado com o meu amigo.

A jovem voltou a franzir o cenho enquanto esquadrihava a sala em busca dos noivos e descobria Arabella e Marcus a rir enquanto dançavam.

— Temo que ela possa estar a cometer um erro ao casar tão depressa. Conhecem-se há apenas dois meses.

— E, no entanto, declaram estar loucamente apaixonados.

— Eu sei — respondeu Lily mal-humorada.

A julgar pelos olhares ternos que Belle e Marcus partilhavam ao dançar, tinha de admitir que pareciam de facto muito apaixonados.

— Mas preocupa-me que aquilo não dure.

Claybourne sorriu.

— Já parece o meu amigo Arden.

Lily sabia que Arden — Drew Moncrief, duque de Arden — era outro grande amigo de Marcus. Os três nobres, Danvers, Arden e Claybourne, eram unha com carne.

— Sua Graça também não queria que eles casassem?

— Não, e pelas mesmas razões.

— E o senhor, milorde, o que opina da sua união?

Os olhos de Claybourne brilharam, divertidos.

— De momento, prefiro não opinar, mas sinto-me inclinado a aprová-la. Parecem bastante felizes, não acha?

— Sim. E espero sinceramente que assim continuem. Não quero que a Arabella sofra.

Aquilo pareceu despertar a atenção do jovem.

— E acha que o Marcus vai magoar a sua irmã?

— Isso é o que os nobres tendem a fazer — murmurou Lily baixinho, embora Sua Senhoria tenha evidentemente ouvido.

Olhou-a curioso.

— Nem todos os nobres são canalhas, menina Loring.

— Não... para ser justa, nem todos.

Ao ouvir a menção a canalhas, ela observou o marquês com um olhar avaliador. Era um homem com um físico poderoso, com peito largo e musculado. A cabeça dela mal lhe chegava ao ombro.

Em geral, sentia receio dos homens fortes e tendia a julgá-los pela forma como tratavam as mulheres, um hábito que adquirira em criança. No entanto, Lorde Claybourne não a fazia sentir-se apreensiva. Pelo menos, não pelas razões habituais, por ser maior e mais forte do que ela.

Parecia muito forte, mas não parecia ser o tipo de homem que utilizaria a sua força contra alguém mais fraco.

Talvez isso se devesse ao seu sorriso fácil. Ou às histórias que tinha ouvido sobre ele. Toda a gente sabia que as mulheres adoravam o marquês de Claybourne.

Dizia-se que ele também as adorava, embora não o suficiente para se casar com uma das suas numerosas conquistas. O que tornava ainda mais surpreendente o facto de ele não se opor ao inesperado matrimónio do seu amigo Marcus.

— Espero que não se proponha a condenar-me logo à partida — disse Claybourne, interrompendo o seu atento exame. — Pelo menos até nos conhecermos melhor.

Lily pôs fim às suas divagações.

— Não precisamos de nos conhecer melhor, milorde — respondeu com ligeireza. — Não nos movemos nos mesmos círculos. E, assim que a festa do casamento terminar, tenciono continuar a ser tão pouco feminina como antes e não voltar a entrar noutra salão de baile, salvo sob ameaça de morte.

O riso dele era rouco e encantador... e desarmou-a.

— O Marcus já me avisara de que a menina era única.

Lily tinha um desejo rebelde de resistir àquele encanto fácil do marquês. Desviou o olhar da expressão divertida dele e concentrou-o num ponto distante, por cima do seu ombro.

Não *queria* admitir a atração que sentia por Lorde Claybourne. Fazia-a sentir-se delicada, frágil e feminina, e ela não gostava nada dessas sensações. A impressão de força e vitalidade que emanava era avassaladora.

Mas, estranhamente, a sua atração devia-se a algo mais do que às belas feições e ao ar masculino. Possuía uma aura que sugeria emoção. Parecia um aventureiro audaz, um viajante, um explorador. Como se devesse estar a capitanear um navio que sulcasse os sete mares, ou a dirigir uma intrépida expedição, ou a explorar os segredos de terras desconhecidas.

Lily ignorava se ele possuía um navio, mas sabia que era um desportista. Os relatos das façanhas desportivas de Claybourne eram repetidos em todos os salões. E, além disso, Winifred passara o dia a elogiá-lo, tentando despertar o seu interesse para considerá-lo um potencial marido.

No entanto, Lily não tinha o menor desejo de casar com o marquês, nem com nenhum outro homem, embora se visse obrigada a admitir que Claybourne era o homem mais fascinante que conhecera... o que era uma boa razão para se manter bem longe dele.

Assim que a valsa terminou, Lily afastou-se da sua companhia desconcertante.

Em todo o caso, tencionava abandonar o baile para passar a noite com a sua boa amiga Tess Blanchard, uma jovem que também dava aulas na Academia Freemantle.

Depois de se despedir de Arabella e de beber mais dois copos de champagne de seguida — tinha necessitado daquelas libações para se fortalecer e conter as suas lágrimas de tristeza —, dirigiu-se a uma ala do estábulo, antes destinada às éguas de raça, a fim de alimentar *Boots* e ver como estavam os seus gatinhos. Ali reinava um silêncio agradável.

Ainda sentia a cabeça à roda do champanhe e das lembranças inebriantes de Lorde Claybourne. A sensação do corpo dele enquanto dançavam — musculado, poderoso e ágil — deixara-a estranhamente transtornada.

— Mas calculo que não voltarei a vê-lo depois desta noite — murmurou enquanto devolvia o gatinho preto à caixa. — Ou pelo menos não voltar a ser vítima das humilhantes intrigas casamenteiras da Winifred.

Nesse momento, ouviu um ténue som procedente do andar de baixo, como se alguém pigarreasse.

Perguntando-se quem teria entrado ali, mudou de posição para espreitar, e o seu coração bateu com violência no peito ao ver o marquês de Claybourne apoiado contra um poste, com os braços cruzados sobre o peito largo e a cabeça inclinada para um lado.

Quando Lily sentiu a cabeça às voltas, recuou apressada. *Oh, santo Deus!* Tê-la-ia ouvido lamentar-se de que ele era encantador? E que outras observações incriminatórias tinha feito sobre o marquês?

Levou a mão à têmpora latejante e espreitou de novo para baixo.

— O que está a fazer aqui, mi... milorde?

— Vi-a sair do baile e perguntei-me porque visitaria os estábulos.

— Seguiu-me? — perguntou ela.

Claybourne assentiu com suavidade.

— Sim, confesso-me culpado.

Lily semicerrou os olhos.

— Então esteve a ouvir às escondidas?

— Sentia curiosidade. Costuma falar sozinha, menina Loring?

— Às vezes. Mas neste caso estava a falar com a gata... ou melhor, com os gatos. A *Boots*, a gata do estábulo, teve gatinhos recentemente.

— Importava-se de me explicar o que está a fazer aí em cima, no palheiro?

— Se de... deseja saber... estou a alimentá-la.

— Veio aqui para alimentar a gata do estábulo? — O seu tom refletia surpresa e alguma descrença.

— Devia deixá-la morrer à fome? — perguntou a jovem retoricamente.
— A *Boots* é uma excelente caçadora de ratos, mas de momento tem tarefas mais importantes com que se ocupar. Ou seja, cuidar dos filhos.

Os belos lábios dele sorriram.

— Tenciona ficar aí com os gatos?

— Não. Vou descer assim que a minha cabeça deixar de andar à roda. Parece que... bebi demasiado champanhe.

Para sua consternação, estava demasiado tonta para descer em segurança a escada e fugir da indesejada presença de Lorde Claybourne.

— Então não se há de importar que lhe faça companhia — disse ele, avançando para pôr o pé no degrau mais baixo.

Claro que se importava! Lily sentou-se bruscamente, perguntando-se como podia evitar que ele lhe impusesse a sua companhia.

— Não pode subir para aqui, milorde! — exclamou, mas evidentemente o seu protesto não surtiu efeito algum, pois a cabeça do marquês surgiu no palheiro pouco depois.

— Creio que posso e proponho-me fazer-lhe companhia.

Com o torso já à vista, deteve-se a observá-la com interesse.

— Vai encher a roupa de pó — disse Lily de maneira pouco convincente, observando o elegante fato que lhe assentava na perfeição.

— A roupa sobreviverá. — Passeou a vista pela indumentária de Lily — E a menina? Enverga um vestido de baile.

— Isso é diferente. Não me importa a roupa. — Ao vê-lo arquear as sobrancelhas, compreendeu que a sua resposta se prestava a confusão. — Não, não quero dizer que goste de andar *nua*... — balbuciou, sentindo um calor abrasador no rosto. — Só queria dizer que não me importa a *roupa elegante*... como vestidos de baile e assim.

— Que novidade! — O seu tom voltara a ser irónico enquanto subia os últimos degraus e apoiava a anca na extremidade do palheiro — Custa a imaginar. Deve ser a primeira mulher que conheço que não se interessa por vestidos elegantes.

— Mas eu não sou normal, milorde. Ao contrário, sou muito *anormal*.

— Ai sim? — replicou Claybourne, aproximando-se para se sentar junto dela.

Mesmo com aquela luz ténue, Lily viu brilhar os seus olhos cor de avelã. Estava a rir-se dela! Endireitou a coluna e abriu a boca para censurá-lo, mas ele falou primeiro.

— O que tem assim de tão anormal, meu anjo? Parece-me bastante normal.

Quando ele percorreu com os olhos o seu corpo de cima a baixo, Lily levou as mãos às faces ardentes e tentou acalmar-se... o que era extremamente difícil, dadas as sensações que a invadiam com a proximidade de Sua Senhoria.

Ergueu-se em toda a altura que lhe permitia a sua posição sentada e tentou parecer majestosa e falar num tom indiferente.

— *Queria* dizer que não sou uma *mulher* comum.

— Tenho poucas dúvidas disso.

Ela olhou-o, exasperada.

— Na verdade, eu devia ter nascido homem. Teria sido muito mais feliz.

— Oh, e agora é muito infeliz?

Naquele estado ligeiramente ébrio, os pensamentos de Lily eram mais lentos que de costume e teve de considerar a pergunta uns momentos.

— Bem... não. Gosto muito da minha vida. Mas as mulheres têm pouca da liberdade de que os homens desfrutam.

— De que liberdade gostaria de desfrutar, minha querida?

Lily mordeu o lábio inferior, envergonhada por ter revelado tanto. No entanto, não parecia conseguir evitar; o champanhe soltara-lhe a língua.

— Não interessa. Não me dê ouvidos, milorde. Não aguento lá muito bem a bebida.

— É o que parece. Então, porque bebeu tanto?

— Estava a afogar as minhas mágoas, se insiste em saber.

— Que mágoas?

— Perder a minha irmã pelo casamento. Permitti-me um acesso de melancolia. Mas devia ser uma coisa privada. — Ao ver que ele não respondia, acrescentou: — Foi uma indireta para que parta, milorde.

Em vez de se retirar, ele sorriu e recostou-se, apoiando o seu peso nas palmas das mãos e cruzando as longas pernas envoltas em cetim à sua frente, como se estivesse a instalar-se para uma longa permanência.

Lily resfolegou.

— Creio que não compreende o perigo em que se encontra, Lorde Claybourne. É um erro estar aqui a sós comigo. Se a Winifred soubesse, ficaria eufórica.

— Winifred?

— Lady Freemantle. Foi por causa dela que saí cedo do baile... para fugir às suas maquinações. Anda a tentar empa... emparelhar-me consigo. Deve ter reparado.

As suas palavras não pareceram alarmá-lo como deviam.

— Talvez, mas as suas maquinações não são piores do que as habituais. Estou muito habituado a que mães ansiosas lancem as suas filhas nos meus braços.

Lily fez uma careta de desagrado.

— Talvez *possa* ignorar as intrigas dela, mas eu não. São humilhantes. Não sou uma vitela para ser exibida diante de um cavalheiro e julgada pelos meus feitos e aptidões.

Os olhos do marquês voltaram a brilhar.

— Eu diria que não.

Ante aquela resposta, Lily sentiu-se exasperada.

— Não *compreende*? A Winifred deseja que eu lhe atire o laço.

— Mas a menina não pensa fazê-lo.

— Claro que não! Não tenho o menor interesse em casar.

— Essa é uma perspectiva totalmente única para uma jovem. A maioria das mulheres tem como missão na vida encontrar um marido.

— É verdade, mas não tem de se preocupar com o meu assédio, Lorde Claybourne. Oh, sei que é um excelente partido! É rico, possui um título, não é desagradável à vista e diz-se que possui um encanto irresistível.

— Mas não se deixa influenciar por esse magnífico catálogo de qualidades.

— Nada mesmo. — Lily sorriu levemente para suavizar a dureza da sua observação. — Tem sem dúvida imensas admiradoras apaixonadas, mas eu nunca me juntarei a elas. Não tenciono comportar-me como essas caçadoras de maridos que conhece. Não penso persegui-lo.

— Tranquiliza-me, menina Loring. Não gosto de ser perseguido. — Pelo seu tom provocador e risonho, percebia-se que se estava a divertir bastante. — Mas tenho muita curiosidade em saber por que motivo sente tamanho desagrado pelo casamento.

Lily inspirou fundo. Pouco feminina ou não, nunca lhe teria ocorrido comentar os seus assuntos pessoais com um desconhecido. Mas estava desejosa de livrar-se dele, por isso uma dose liberal de franqueza podia ser-lhe muito útil.

— Segundo a minha experiência, o casamento conduz à infelicidade da mulher — respondeu com sinceridade.

— Fala por experiência própria?

A jovem fez uma careta.

— Infelizmente, sim. O casamento dos meus pais foi desagradável ao ponto de me inspirar aversão ao casamento para o resto da vida.

O brilho nos olhos de Claybourne desvaneceu-se enquanto a contemplava. No entanto, o seu exame era mais perturbador do que o seu divertimento.

— Não preciso de um marido — apressou-se ela a acrescentar —, apesar do que as convenções sociais decretam. Agora, graças ao generoso acordo do Marcus, sou financeiramente independente, por isso posso levar uma vida satisfatória sem ter de me casar.

— Mas insinuou que desejava mais liberdade.

Ela sorriu indecisa.

— Assim é. — O seu sonho sempre fora ter uma vida de liberdade e aventura. — Tenciono utilizar os recursos para viajar pelo mundo e explorar lugares novos e emocionantes.

— Sozinha?

— Lady Hester Stanhope fê-lo — observou Lily, aludindo à aventureira filha de um conde e sobrinha de William Pitt, *o Novo*, que embarcara para o Médio Oriente e lá ficara a viver.

— Com efeito. Mas ela era muito mais velha do que a menina.

— Tenho vinte e um anos, idade para cuidar de mim mesma.

— Então... não se casará porque os homens muitas vezes fazem as suas esposas infelizes — repetiu Claybourne com lentidão, como se avaliasse a teoria na sua mente.

— Sim. Primeiro, estamos muito apaixonadas para pensar com clareza, por isso cedemos-vos todo o controlo sobre nós, e depois eles tornam a nossa vida um inferno. — Sem dar conta, Lily rangeu os dentes. — Acho abominável que os maridos tenham o direito *legal* de se portarem mal com as suas mulheres. Não estou disposta a conceder a nenhum homem esse poder.

Para sua surpresa, Claybourne inclinou-se para a frente e com a mão acariciou-lhe o rosto.

— Quem a magoou, meu anjo? — perguntou.

Lily recuou desconcertada.

— Ninguém *me* magoou. A minha mãe e a minha irmã mais velha é que foram magoadas.

Ele guardou silêncio um momento.

— Sei que o seu pai era um mulherengo.

A jovem desviou os olhos, sem querer recordar as dolorosas lembranças.

— É verdade. Exibia as suas amantes diante da minha mãe à menor oportunidade. Isso magoou-a muito. E o primeiro noivo da Arabella também a traiu. A Belle *amava-o*, mas, aquando do escândalo dos meus pais, ele rompeu o noivado.

Lily estava certa de que Lorde Claybourne sabia do escândalo vivido pela sua família há quatro anos. Primeiro, a mãe tomara um amante porque era incapaz de continuar a suportar o casamento infeliz, e depois vira-se obrigada a fugir para o continente forçada pelo seu marido ultrajado. Quinze dias depois, o seu libertino pai perdera toda a fortuna ao jogo e fora morto num duelo por causa de uma das suas amantes. As irmãs Loring ficaram sem dinheiro e sem lar, à mercê de um tio unhas de fome, o conde de Danvers, que as acolhera a contragosto.

— É por isso que não queria que o Marcus casasse com a sua irmã?

— Em grande parte.

— Parece albergar um grande preconceito contra os nobres.

— Não o nego. Os nobres podem ser o pior tipo de maridos.

— Então posso congratular-me pela sua aversão não ser dirigida a mim pessoalmente.

Ela franziu a testa.

— Não, não tenho nada contra si *pessoalmente*, milorde. Nem sequer o conheço. — *Graças a Deus*, pensou.

Claybourne permaneceu em silêncio uns poucos segundos antes de mudar de posição para observar os ocupantes da caixa.

— Suponho que esta é a *Boots* — murmurou enquanto afagava a mãe gata atrás das orelhas.

Surpreendentemente, *Boots* não objetou, e começou a ronronar, esfregando de modo sensual a cabeça contra os seus dedos.

Lily deu por si a olhar fascinada para as mãos de Sua Senhoria a acariciar o sedoso pelo cinzento. Tinha umas mãos fortes e bonitas, surpreendentes num homem tão audaz e masculino.

— Creio que se está a esquecer de um facto importante — disse ele por fim.

A jovem não percebeu logo que Lorde Claybourne se dirigia a ela.

— Que facto?

— É certo que alguns homens podem ser cruéis, mas também podem dar um enorme prazer às mulheres.

Ela corou.

— Talvez alguns possam, mas a questão não é essa.

Precisamente nesse momento, o gatinho preto lançou-se sobre o punho de Claybourne e começou a morder-lhe o nó do dedo.

— Tens fome, pequenito, não tens? — murmurou ele com um sorriso. — E tu também — acrescentou, quando o gatinho cinzento atacou o seu polegar.

Agarrou nas pequenas criaturas e instalou-as no colo. Quase de imediato, o gatinho preto marinhou pelo seu peito acima, cravando as unhas no brocado dourado do colete.

— Sinto muito, milorde — disse Lily.

— Não tem importância.

Quando o preto subiu mais, Claybourne soltou uma risada. O som baixo e rouco afetou as terminações nervosas de Lily com inegável intensidade.

— Deixe-me ajudá-lo... — apressou-se a dizer.

Inclinou-se para a frente para lhe tirar o gatinho do peito, mas este aferrara-se com as garras ao lenço. Lily tentou soltar as diminutas garras do delicado tecido sem danificá-lo, mas inesperadamente acabou por tombar o marquês sobre a palha.

Ele ficou ali deitado a fitá-la, enquanto ela, debruçada, se sentiu petrificada ante a sua expressão. Estava imóvel, mas havia um suave fogo nos seus olhos que fez acelerar o coração de Lily.

— Sinto muito — repetiu ela, de repente sem fôlego.

— Eu não.

Apertando ligeiramente as diminutas garras, conseguiu libertar o lenço e depositou o gatinho na palha ao seu lado. Imediatamente o animal avançou para a caixa e o cinzento foi atrás do irmão.

Mesmo assim, Lily não conseguiu afastar o olhar de Lorde Claybourne. Quando ele levantou o braço e lhe fez deslizar os dedos pela nuca, não conseguiu respirar. A seguir, para sua surpresa, ele atraiu-a para a sua boca e roçou a dela ao de leve.

Lily não estava preparada para a onda de emoções que sentiu com aquela inesperada carícia. Os lábios dele eram quentes e firmes e ao mesmo tempo sedutoramente suaves e demasiado tentadores.

Sufocando um arquejo, Lily pousou as palmas das mãos no peito dele e levantou a cabeça.

— Por... porque fez isso? — perguntou com voz de repente rouca.

— Queria ver se os seus lábios eram tão tentadores como pareciam.

Aquela não era a resposta que esperava.

— E são?

— Mais ainda.

Lily olhou para o rosto dele, incapaz de se mover. Era um rosto forte, cativante e belo na luz fraca da lanterna. Também tinha uma boca bonita, embora ela não se tivesse permitido reconhecê-lo antes. Os lábios eram bem cinzelados e generosos e naquele momento curvavam-se num sorriso enquanto lhe devolvia o olhar.

— Calculo que não faça ideia do que está a perder, minha querida. A paixão entre um homem e uma mulher pode ser extraordinária.

Lily pigarreou, sentindo a garganta seca, e lutou contra o feitiço dele.

— Mesmo assim, não quero ter nada que ver com a paixão.

— O que sabe dela? Alguma vez foi beijada como deve ser?

Ela franziu a testa, cautelosa.

— O que quer dizer com «como deve ser»?

Ele riu-se baixinho e voltou a atrair o rosto dela.

— Se tem de perguntar, a resposta deve ser não. Acho que devíamos tratar dessa falha imediatamente...

Quando a cálida neblina do seu hálito lhe acariciou a boca, Lily preparou-se para um choque renovado, mas, assim que os lábios dele começaram a tentar abrir os seus com deliciosa pressão, sentiu a sua resistência desvanecer.

O efeito do beijo foi inebriante, e a sensação deixou-a tonta, quase como o champanhe.

Quando o marquês se afastou, acariciou-lhe a face com um dedo.

— Achou isto agradável, querida?

Ela não podia dizer que não porque seria mentira. O beijo tinha-a deixado aturdida e sem fôlego e sentia um estranho estremecimento entre as coxas, uma ânsia no seu centro feminino.

— S... sim.

— Parece insegura.

— Foi... muito agradável.

Ele esboçou um sorriso irónico.

— Apenas agradável? Acho que devia sentir-me insultado.

— Sabe que não precisa. Diz-se que é um diabo com as senhoras e que tem numerosas conquistas... — Deteve-se, sacudindo a cabeça num fútil esforço para a desanuviar. — Pelo menos agora posso compreender porque dizem que as mulheres o adoram.

— Quem diz isso?

— A Fanny.

— A Fanny Irwin? Ah, sim, lembro-me de a sua irmã Arabella comentar que vocês são amigas de infância.

Fanny era uma das mais solicitadas cortesãs de Londres e, como uma das mais queridas amigas das irmãs Loring, tinha assistido naquele dia ao casamento de Arabella, para grande consternação da boa sociedade.

Naquele momento, Lily desejou desesperadamente que Fanny estivesse ali para aconselhá-la. Como se metera em semelhantes apuros? O que fazia num estábulo isolado com aquele desconhecido terrivelmente sedutor? Estava estendida quase por completo em cima de Lorde Claybourne, contra o seu duro e musculoso corpo, de cujo peito irradiava um calor que infundia os seus seios de uma deliciosa calidez.

Tudo isso *antes* de ele levar um dedo à depressão da sua garganta e a acariciar ligeiramente.

— Creio que devia demonstrar-lhe.

— Demonstrar-me o quê? — perguntou ela hesitante.

O marquês sorriu.

— O tipo de prazer que um homem pode dar a uma mulher.

O coração de Lily começou a pulsar com mais força quando ele passou à ação. Agarrou-a pela nuca e voltou a atraí-la para si... contudo, naquela ocasião o beijo exerceu uma pressão ainda mais agradável. Foi um beijo lento, erótico e intenso: separou-lhe os lábios e fez deslizar a língua para a sua boca, criando um profundo desejo que aumentou o seu atordoamento.

Lily lutou contra os impulsos poderosos do seu corpo. Ainda sentia a cabeça à roda por causa do champanhe, mas aquilo não explicava o seu desejo avassalador nem a deplorável atração que sentia pelo sedutor marquês.

Mas não resistiu a deixá-lo continuar. Não quando ele lhe atacou a boca com um langor tão paralisante... moldando, saboreando, atormentando-a. Todos os seus sentidos pareciam ter sido agredidos quando a língua dele acariciou provocadoramente a sua, iniciando uma dança sensual.

Com um som entre um suspiro e um gemido, a jovem rendeu-se.

Em resposta, ele aprofundou o beijo.

Impotente, Lily levou a mão ao cabelo castanho de Claybourne aclarado pelo sol, que era surpreendentemente espesso e sedoso. Ele rodeou-lhe a garganta com a mão e fê-la deslizar mais para baixo, até onde o decote quadrado do seu vestido de noite deixava exposta uma generosa quantidade de pele nua.

Quando roçou com os nós dos dedos a parte superior dos seus seios, ela tentou inspirar, trémula. Mas o marquês continuou a beijá-la, excitando-a com as carícias da sua língua, estimulando-a com lentidão, atacando-a de uma maneira deliciosa.

Apercebeu-se de que Claybourne mudou de posição debaixo dela e lhe separou os joelhos através das saias; sentiu a pressão da coxa dele contra a sua feminilidade. Ao mesmo tempo, ele baixou a mão até envolver um seio com suavidade.

Lily gemeu com a febril onda de prazer que lhe provocavam aquelas sensuais carícias. As sensações eram avassaladoras e, quando ele descobriu com a ponta dos dedos o seu mamilo sob o corpete, o fogo alastrou pelo seu interior, inundando-lhe as veias com um calor abrasador.

Nunca sentira nada parecido com aquele assalto erótico aos seus sentidos por parte daquele homem cativante. Estava a deixá-la louca com as suas carícias, encorajando a sua resposta, despertando a impetuosidade que sempre pulsara nela.

No entanto, foi a sua ternura que mais a surpreendeu. Ele conhecia a própria força e sabia como utilizá-la. Podia ser delicado e meigo, isso era evidente.

Momentos antes, os dois gatinhos tinham subido para o seu tronco a miar e a ronronar, fazendo desaparecer a cautela que Lily tinha aprendido há muito tempo, com dezasseis anos.

Aquilo devia ter sido uma advertência. As pequenas criaturas não pressentiram nenhum perigo nele, o que o tornava imensamente perigoso para ela...

Santo Deus, o que estava a *fazer*? Tinha de terminar aquilo já, protestava uma voz desesperada na sua cabeça. Não podia permitir que continuasse.

Empurrando-lhe de repente o peito, Lily separou a sua boca da boca mágica dele e sentou-se. Estava ofegante.

— Foi uma... bela demonstração, milorde — murmurou trémula, forçando um tom ligeiro —, mas imagino que foi ajudado pelos efeitos do champanhe. — Levou uma mão à têmpera. — Não devia ter bebido tanto. Não imaginava que teria de me defender de si.

Ele não respondeu logo. Em vez disso, observou-a com uma expressão avaliadora enquanto se soerguia com lentidão sobre um cotovelo.

Lily teve de desviar a vista ante o seu olhar penetrante. Ainda se sentia aturdida, e o beijo apaixonado tinha-a feito ansiar por mais... Ao diabo com ele! Precisava de sair dali. Já não confiava em si própria para estar sozinha com Lorde Claybourne mais tempo.

Nesse momento, deu conta da agitação no pátio do estábulo: o som das carruagens a serem preparadas, compreendeu. Alguns convidados da festa deviam estar a sair do baile para regressar a Londres, a dez quilómetros de distância.

— Tenho de ir — disse rapidamente, aliviada por ter uma desculpa para fugir.

Transcorreu um momento até ele falar.

— Consegue descer a escada sem correr perigo?

— Acho... que sim. Estou quase sóbria.

Ele recolheu os dois gatinhos e depositou-os com suavidade junto da mãe e do irmão. Enquanto eles se lançavam famintos em busca do seu jantar, Lily dirigiu-se ao cimo da escada.

Mas, ao que parecia, Lorde Claybourne ainda não tinha terminado com ela.

— Espere um momento. Tem palha no cabelo. Não pode regressar ao baile com ar de quem acabou de ter um encontro no estábulo.

Ela abanou com a cabeça quando ele se aproximou.

— Não tem importância. Não vou voltar para o baile. Vou para casa da minha amiga, a menina Tess Blanchard. A minha irmã Roslyn e eu vamos passar lá a noite para dar mais privacidade aos recém-casados.

— Mas não quer que a menina Blanchard desconfie que me esteve a beijar, pois não?

— Bem... não.

— Então esteja quieta enquanto faço o papel de sua criada.

Apesar da sua relutância, Lily obedeceu enquanto ele retirava a palha do seu cabelo em desalinho. Sentia os dedos no cabelo como uma suave carícia, e o olhar fixo no seu rosto.

— É melhor despachar-me — disse assim que ele terminou. — A Tess deve estar à minha espera.

Lorde Claybourne pôs-lhe uma mão no braço.

— Permita-me descer primeiro para o caso de ter de lhe amparar a queda. Não quero que se magoe.

Tão-pouco podia dizer que não, maldito fosse!

— Obrigada, milorde — murmurou, deixando-o passar primeiro.

Ele desceu, detendo-se a meio para esperar por ela. Lily seguiu-o, apoiando os pés numa travessa e segurando-se com força enquanto dava a volta para descer.

Começou bem, mas depois, sem saber como, o seu pé falhou a travessa e ela perdeu o equilíbrio. Por sorte, Claybourne estava abaixo dela, pois, quando escorregou, levantou a mão e agarrou-a pela anca para a endireitar. O arquejo de Lily deveu-se mais a esse contacto do que ao temor de cair.

— Calma — murmurou ele, voltando a colocar-lhe o pé na travessa.

A cálida sensação dos seus dedos a rodearem-lhe o tornozelo inquietou-a ainda mais. Desconcertada com aquela intimidade, a jovem mordeu o lábio e desceu o mais depressa possível.

— Obr... obrigada — repetiu ao chegar a terra firme.

Permaneceu ali um momento, oscilando um pouco tonta e tentando recuperar a compostura. Continuava abalada pelos beijos sedutores e ansiosa por fingir que não tinha ocorrido nada entre os dois.

Esperava que Lorde Claybourne se afastasse, mas ele permaneceu perto dela, envolvendo-lhe a cintura com as mãos. Sentia o corpo dele quente e duro contra as costas, recordando-lhe as suas carícias.

Ficou sem fôlego quando ele se aproximou ainda mais e encostou as suas virilhas às nádegas dela.

Lily estremeceu. Sabia o que significava aquela dureza masculina. Ele estava excitado graças à intimidade.

Admitiu que também sentia o mesmo. O corpo formigava e o desejo no seu centro feminino continuava a pulsar.

— Pode soltar-me, milorde — sussurrou com voz rouca. — Já estou a salvo. Ele riu baixinho.

— Acha mesmo que está a salvo?

A garganta dela ficou seca.

— Por favor, Lorde Claybourne...

— Por favor o quê, Lily? — Pronunciou o seu nome num murmúrio rouco enquanto inclinava a cabeça para lhe afagar a orelha com o nariz.

Ela estremeceu, alarmada.

— Não me pode voltar a beijar! — exclamou com voz aguda e sem fôlego. A exalação dele foi como um suspiro.

— Eu sei. Nada me agradaria mais do que voltar a subir consigo e passar o resto da noite a dar-lhe um prazer com que nunca sonhou. Mas não seria honrado da minha parte aproveitar-me do seu estado de fraqueza... e o Marcus exigiria a minha cabeça numa bandeja se eu tentasse.

Lily não tinha a certeza de que Marcus levaria tão a peito o seu papel de protetor. Assumira com reservas a responsabilidade das três arruinadas irmãs Loring, e só tinha sido seu tutor durante uns poucos meses desde que se tornara o novo conde de Danvers. Além disso, tecnicamente já não desempenhava o cargo de tutor, posto que tinha concedido liberdade legal e financeira às suas três pupilas quando Arabella ganhara a aposta feita com ele. Não obstante, Lily considerou mais prudente não expressar as suas dúvidas a Lorde Claybourne.

— Pois exigiria — concordou em voz baixa.

Por fim, ao cabo de um momento, Claybourne recuou, deixando livre o caminho para a porta do estábulo.

Grata por se ver finalmente livre, Lily respirou aliviada e deu meia-volta para se ir embora. Sem olhar para ele, apressou-se para a porta. Mas então deteve-se bruscamente, ao recordar o que a conduzira ao estábulo em primeiro lugar.

Com relutância, voltou a cabeça para olhá-lo, encontrando os seus olhos brilhantes.

— Tem de me prometer que não dirá a Lady Freemantle que o beijei. Se ela soubesse, começaria a planejar o nosso casamento.

A expressão dele era enigmática, indecifrável, mesmo à claridade da lanterna. E hesitou muito mais do que o esperado antes de responder:

— Muito bem, não lhe direi.

Conseguindo esboçar um sorriso franco, Lily recolheu a saia e saiu, censurando-se durante o caminho de volta à mansão. Agora sabia que nunca devia ter permitido que Lorde Claybourne a beijasse, sendo ele tão perigoso para a sua força de vontade.

Mas prometeu a si mesma que a partir daquele momento faria um esforço para o evitar.

Não tinha escolha. Pela primeira vez na vida tinha encontrado um homem que podia vir a provar-se ser irresistível. O mais sensato era manter-se longe, muito longe, do belo, cativante e sedutor marquês de Claybourne.